

Das crises sociais e econômico-financeiras da atualidade



Todo aquele que assistiu ao filme A História das Coisas não se surpreende com a situação vexa-

tória pela qual está passando o presidente estadunidense. O filme mostra claramente como o presidente da mais poderosa nação do mundo é refém nas mãos dos interesses econômicos das grandes corporações. O mesmo vale para grande parte dos membros do Congresso Americano. Na realidade, trata-se de um perigoso jogo de forças onde a oposição discorda dos métodos para fazer cortes no déficit (alguns articulistas afirmam que os republicanos exigem como resgate a dissolução do Estado de Bem-Estar Social) em troca da autorização do aumento do limite da dívida daquele país, que hoje já alcança a quantia de US\$ 14,3 trilhões. Dívida equivalente ao seu PIB. Os principais credores são China, Japão, Alemanha, Rússia e Brasil. Isto mesmo, Brasil!

O mundo árabe, por sua vez, encontra-se efervescente. As sociedades de diversos países exigem mudanças. Clamam

por melhores condições de vida; buscam entre, outras coisas, a temância no poder, liberdade política e o fim da corrupção.

Enquanto isto, na Europa, diversos países também se debatem com crises financeiras: Portugal, Irlanda, Itália, Grécia, e Espanha são os mais visados pela imprensa mundial.

Na Itália, o primeiro-ministro, Silvio Berlusconi, é considerado como um dos principais responsáveis pela crise que assola a economia do país.

Até a semana passada, a Grécia, considerada o berço da civilização ocidental, das grandes contribuições no campo da filosofia e da literatura, responsável pela ideia moderna de democracia, encontrava-se no foco da crise. A Grécia ostenta bons indicadores sociais e níveis de desenvolvimento. Entretanto, no atual momento, os gregos estão pressionados por taxas crescentes de desemprego, perda de receitas e um elevado nível de endividamento do Governo. Afirmam alguns analistas que esta dívida começou a ganhar dimensão quando aquele país foi sede das Olimpíadas.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e a União Europeia, obviamente interessados em evi-

tar um calote grego, anunciaram uma "ajuda" bilionária que deverá ter como contrapartida o aumento dos impostos, demissão de servidores, eliminação de benefícios trabalhistas e as famigeradas privatizações.

Vemos, então, que a recente crise econômica mundial (2008), bem como a conjunção de políticos desonestos, banqueiros gananciosos e especuladores financeiros, jogam sobre pessoas inocentes da comunidade europeia e até mesmo de suas futuras gerações uma conta amarga e de difícil pagamento.

Nós, brasileiros, que vivemos num país com alto nível de dívida pública interna, preocupantes níveis de corrupção, e prestes a sediar importantes eventos esportivos (com a realização de obras superfaturadas, segundo alardeia a imprensa), precisamos, com urgência, tirar lições da crise que ora enfrenta a Europa.

Será que estamos assistindo a uma crise civilizatória mundial que se manifesta através de crises políticas, econômicas, sociais e ambientais?